

124

**O TRABALHO NA SAFRA DE FUMO EM SANTA CRUZ DO SUL: PRECÁRIO PORÉM DIGNO.** *Mariana Silva Carlos, Paula Camboim Silva de Almeida (orient.) (UNISC).*

Este trabalho decorre da problemática levantada no meu Trabalho de Conclusão de Curso, onde me propus a analisar os significados de trabalho elaborados por mulheres safrististas, assim como, as configurações particulares de gênero do universo em questão. A pesquisa desenvolveu-se num bairro popular de Santa Cruz do Sul, no qual estima-se que mais da metade dos moradores trabalhem nas atividades do setor fumageiro. Utilizando o referencial teórico da antropologia e o método etnográfico pude estudar este grupo a partir de seus recursos simbólicos, procurando interpretar os valores que condicionam suas visões de mundo. Embora o trabalho temporário represente perda de direitos trabalhistas, para o grupo investigado ser safrista envolve uma série de atrativos, tais como, não exige escolaridade elevada, possibilita ficar em casa e fazer outras atividades durante o período inverso ao do trabalho, garante salário mínimo e cesta básica, e ainda, proporciona um ambiente lúdico. O que justifica moral e socialmente o trabalho é a possibilidade de manter a sobrevivência da unidade doméstica, sendo assim, homens e mulheres compartilham a mesma moral do trabalho como uma atividade que promove honra, dignidade e satisfação. No entanto, a disposição para trabalhar é que possui um corte de gênero – a identidade do trabalhador está submetida a uma ética do provedor e a identidade feminina está vinculada às tarefas domésticas, imprimindo uma lógica hierárquica e complementar no seio da unidade familiar. No caso das mulheres safrististas, o ser trabalhadora também se constitui como um valor, uma vez que permite manter a família com seu próprio esforço, fazendo aparecer a face feminina da moral do trabalho para além do papel de mãe, esposa e dona de casa.